

PRÁTICA PEDAGÓGICA ALFABETIZADORA: DISCUTINDO CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO

Juliana Brito de Araújo¹/ UFPI
juliana4584@hotmail.com
Antônia Edna Brito²/UFPI
antonedna@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade discutir as concepções de alfabetização construídos por um grupo de professoras, subsidiando reflexões acerca das questões teórico-metodológica envolvidas na prática pedagógica alfabetizadora. Nessa perspectiva, entendemos alfabetização como um fenômeno multifacetado e de natureza complexa, cuja discussão atual está associada às práticas de letramento. Como metodologia utilizamos a pesquisa narrativa, conforme Souza (2006) e entrevistas semiestruturadas, na construção das narrativas. Como aporte teórico, baseamo-nos em autores como Soares (2008; 2009), Tfouny (2008), e Kleiman (1995), para fundamentar o nosso estudo de maneira a esclarecer sobre as concepções percebidas nas narrativas. Portanto, compreendemos que as professoras alfabetizadoras, apresentam concepções de alfabetização, entre outros aspectos teóricos, como suporte para o desenvolvimento da prática pedagógica. Estes, diferenciam-se, desde a concepção mecanicista, através da preocupação na aplicação do método fônico, até o desenvolvimento de práticas de letramento e também consideram as contribuições da teoria da psicogênese da língua escrita, baseando-se no pressuposto construtivista.

Palavras-chave: Prática pedagógica. Concepções. Alfabetização. Letramento.

1 Introdução

A alfabetização é considerada como uma necessidade de aprendizagem elementar, indispensável para o bom desempenho de diversas práticas sociais no cotidiano dos indivíduos, além de contribuir como base para outras aprendizagens.

O processo de alfabetização é um tema de grande relevância no cenário educacional. Anteriormente, as discussões estavam centradas em torno de temáticas como os métodos de alfabetização e o fracasso escolar no início da escolarização, centralizadas na eficiência do ensino. Historicamente, com o surgimento de novos paradigmas, o debate se estabelece em torno do processo de aquisição da linguagem

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí.

escrita, sobre os meios pelos quais a criança aprende a utilizar e a interpretar a linguagem, nos diversos contextos sociais.

Conscientes da importância desta temática, em virtude das vivências advindas da nossa experiência como professora alfabetizadora, propomos este estudo, resultante de uma pesquisa mais abrangente sobre a prática pedagógica alfabetizadora, que está sendo desenvolvida com o objetivo principal de investigar quais os aspectos teórico-metodológicos que norteiam a prática pedagógica de professoras bem-sucedidas na alfabetização de crianças, considerando o que afirma Maciel e Lúcio (2008),

[...] todos nós temos um referencial teórico que orienta o trabalho de alfabetizar e que vai sendo modificado à medida que vamos incorporando novos conhecimentos a esse referencial por meio da interação com os colegas de trabalho, alunos e em sala de aula e em cursos de formação [...] (2008, p. 18).

Portanto, para essa exposição, propomos uma reflexão acerca das concepções de alfabetização produzidas por um grupo de professoras alfabetizadoras, interlocutoras da nossa pesquisa, com o objetivo de realizar uma análise e discutir questões emergidas a partir de suas narrativas, mediando reflexões sobre aspectos teórico-metodológicos que permeiam a prática pedagógica alfabetizadora.

2 Metodologia

A presente investigação é orientada sob os princípios da pesquisa qualitativa e dentre as metodologias utilizadas nesta modalidade, optamos pela Pesquisa Narrativa ou histórias de vida em formação, como denomina Souza (2006). Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos a entrevista semi-estruturada, segundo Moreira e Calefe (2006), e a produção de diários de aula, conforme as orientações de Bogdan e Biklen (1995) e Zabalza (2004).

Participaram da pesquisa, 06 (seis) professoras alfabetizadoras da rede municipal de ensino, lotadas em quatro escolas distintas da cidade de Teresina, mas neste artigo nos referiremos apenas a 3 professoras. As professoras foram selecionadas segundo critérios definidos, por serem efetivas da rede municipal de ensino, por atuarem nas séries iniciais do ensino fundamental e serem reconhecidas pela comunidade escolar e pela rede em que atuam como professoras bem-sucedidas na alfabetização de crianças. Em relação à análise dos dados, esta foi realizada segundo as orientações fornecidas

por Poirier, Valadon e Raybaut (1999), para a análise de conteúdo das entrevistas, segundo os objetivos propostos neste trabalho.

3 Algumas questões sobre o conceito de alfabetização

A alfabetização é uma temática cada vez mais pertinente nos debates na área da pesquisa educacional, considerada como um objeto de estudo complexo, porém de grande interesse, tendo em vista a intensa necessidade de melhorias na prática de alfabetização, superação do fracasso escolar nos primeiros anos de escolarização e da necessidade de compreensão sobre o processo de aquisição da língua escrita.

Para compreensão do conceito de alfabetização, torna-se necessário conhecermos o significado do termo citado, para subsidiar o discurso, nos aproximando de uma definição consistente. Segundo o Dicionário Aurélio, Alfabetização é a ação de *alfabetizar*, e o verbo em destaque significa ensinar a ler, dar instrução primária. Na definição ora citada, entendemos a alfabetização como uma instrução inicial, básica, de aquisição do código alfabético, que indica a ação de ensinar a ler e escrever. Contudo, o conceito foi ultrapassado, não sendo definido apenas como codificação e decodificação do código alfabético.

Sob uma visão mais ampla, referentes ao conceito de alfabetização, Soares (2008), nos traz uma definição que consideramos base para o desenvolvimento deste trabalho. A autora apresenta como ponto inicial, o conceito em sentido próprio, específico de alfabetização como, “[...] processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita [...]”, Soares (2008, p. 15). Contudo, afirma que é preciso diferenciar um processo de aquisição da língua, de um processo de desenvolvimento (denominado letramento) da escrita e define a alfabetização, como um fenômeno de natureza complexa e multifacetada.

Alfabetização, segundo Soares, pode ser entendida como a representação de grafemas em fonemas e de fonemas em grafemas e como um processo de compreensão/ expressão de significados, não limitando-se a esses dois conceitos. Porém, estabelece igual importância para o aspecto social da alfabetização, e neste sentido, o conceito depende de características culturais, econômicas e tecnológicas.

Tomando como base tais conceitos, entendemos a alfabetização como um processo de aquisição de habilidades específicas necessárias à compreensão e interpretação da linguagem escrita, esta, constitui-se como um sistema de representação

da linguagem, conforme Ferreiro (2001). O Processo de alfabetização, porém, distingue-se do processo de letramento, definido como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.” (SOARES, 2009,p. 18). Portanto, o conceito de letramento amplia-se no sentido de levar em consideração o desenvolvimento do processo, ou seja, trata-se da utilização da escrita no cotidiano dos indivíduos, através das diversas práticas sociais, considerado um conceito de natureza complexo.

Para Kleiman (1995), “[...] pode-se definir hoje o letramento, como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico, como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos [...]”, ou seja, nessa perspectiva, considera-se as práticas sociais da escrita para além da escola, instituição destinada a introduzir formalmente a escrita no cotidiano dos sujeitos, e que as definições sobre as diversas práticas, tornam-se centrais para identificar os níveis de letramento na sociedade, sendo este também considerado como um fenômeno complexo e multifacetado.

Desde as últimas décadas, o debate sobre a prática alfabetizadora está focado principalmente, no desenvolvimento de práticas que proporcione a reflexão das funções sociais da escrita, designada como letramento, definido como “[...] estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”, (Soares, 2009, p.47). A autora enfatiza a necessidade de alfabetizar letrando, ou seja, alfabetizar a partir de práticas que proporcionem a reflexão sobre o uso social da língua escrita.

Soares ressalta que o alfabetizador deve levar em consideração os conhecimentos que os sujeitos já possuem sobre a escrita e que o ensino da língua escrita deva partir de práticas reais a partir de suas experiências sobre o uso da língua escrita em seu cotidiano. As práticas sociais de uso da linguagem escrita referem-se às diversas situações de interação social, envolvendo uma variedade de materiais escritos, numa série de circunstâncias, onde os sujeitos utilizam a linguagem como meio de comunicação, de expressão, como registro de lembranças, dentre outras funções.

A discussão sobre alfabetização e letramento requer um esclarecimento acerca dos processos de aprendizagem da língua escrita, apresentados sob diversas facetas, não permitindo concepções confusas, sendo importante a distinção entre tais conceitos,

considerando que muitos professores alfabetizadores confundem-se quanto a estas definições.

Voltando-se para o conceito de alfabetização, Tfouni (2010) leva em consideração dois aspectos para o entendimento do conceito de alfabetização “[...] como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diversas” (p. 14). Segundo esta autora, em relação a alfabetização como aquisição individual, refere-se à aquisição de habilidades específicas de leitura e escrita, necessárias para a interação nas diversas práticas sociais as quais estão envolvidos. Como um processo de representação de objetos diversos, refere-se concepção diz respeito ao processo de representação construído pela criança durante a aquisição da linguagem, em que a escrita não é concebida como uma simples correspondência entre som-grafema, mas é constituída como sistemas de representações da língua escrita. Utilizando-se de uma discussão ideológica, afirma que a alfabetização está reduzida aos objetivos de escolarização, porém afirma que esta passa por outras variáveis para além da codificação e decodificação, até a consideração de que este é um processo não linear e de natureza complexa.

Autores, como Kramer (2006) e Freire (2008), consideram a alfabetização não apenas como um processo de aquisição da linguagem, porém enfatizam os seus aspectos político e social. Para Kramer, “[...] alfabetizar-se é conhecer o mundo, comunicando-se e expressando-se [...] alfabetizar não se restringe a decodificação e à aplicação de rituais repetitivos de escrita, leitura e cálculo [...]” (KRAMER, 2006, p. 98). Na concepção da autora, a alfabetização ultrapassa a concepção mecanicista de decifrar o código alfabético, possibilitando a participação efetiva dos sujeitos, na construção do conhecimento sobre o mundo.

Referência nos estudos sobre alfabetização, principalmente de jovens e adultos, Freire apresenta uma visão crítica sobre o processo de alfabetização, o que ressalta o valor social da função da alfabetização na vida do indivíduo e destaca a educação como meio de transformação social.

A visão crítica do sujeito, pode ser iniciada através do conhecimento construído pelo processo de alfabetização, como Paulo Freire nos ensina, “[...] a leitura de mundo, sempre precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele ” (FREIRE, 2008, p.20), o que define a visão crítica definida por este educador sobre a alfabetização como um ato político e de conhecimento. Destarte, entendemos

que os aspectos sociais estão imbricados no processo de alfabetização envolvendo a aprendizagem da leitura e escrita.

Portanto, como especifica Moll (1996) “compreender a concepção epistemológica subjacente ao processo de alfabetização é condição importante para redimensioná-la conceitualmente e em termos da prática pedagógica” (p. 101). É o que intencionamos, no sentido de contribuir para a discussão sobre tais aspectos teórico-metodológicos do processo de ensino e aprendizagem da linguagem escrita, segundo o olhar do professor alfabetizador.

4 Prática pedagógica alfabetizadora: o que revelam as professoras alfabetizadoras sobre concepções de alfabetização

A prática pedagógica é a ação realizada pelo docente no ambiente educativo, tendo como principal interesse desenvolver a aprendizagem dos alunos, através de estratégias que viabilizem o trabalho em sala de aula, orientado por diversos saberes, habilidades e competências, relacionados ao trabalho docente.

Entendida como uma atividade complexa segundo Tardif (2002) e Perrenoud (1997), a ação docente é desenvolvida pelo professor a partir de um conjunto de saberes que orientam a prática pedagógica, que conforme Tardif (2002) são oriundos da formação profissional e dos conhecimentos que emergem da sociedade.

Baseados em Garcia (2003) e em Lacerda (2006), compreendemos que a prática pedagógica é orientada pela teoria que é incorporada nas mais diversas situações durante os processos de formação e prática docente. Os conhecimentos oriundos da prática pedagógica, como já afirmamos, são os saberes que irão direcioná-la, produzindo conhecimentos a partir de reflexões sobre a prática pedagógica.

Portanto, com vistas a compreender aspectos teóricos-metodológicos referentes à prática pedagógica alfabetizadora, procuramos conhecer quais as concepções de alfabetização que orientam as professoras na prática e através das entrevistas realizadas, conhecemos as expressões das interlocutoras, em relação a concepções de alfabetização que orientam a sua prática, como demonstramos a seguir:

É isso que eu já falei, o construtivismo. Quando a gente trabalha é... olhando pra esse o construtivismo quando a gente trabalha é... olhando pra esse lado do social, onde a gente quer que a criança se veja dentro de uma sociedade, ele mesmo ta enxergando, o meio que ele vive e ele procurar se desenvolver, sentir essa necessidade de se desenvolver e ai construindo o seu

próprio conhecimento [...] alfabetizar é ensinar a ler e a escrever. É o princípio da alfabetização, eu já falei, é o alfabeto. A gente começa por aí. (PROFESSORA TALITA).

Alfabetização não é só a questão da descoberta do código lingüístico, não. Alfabetizar é também é o letramento e alguns consideram a mesma coisa, mas é diferente letramento e alfabetização. Alfabetização é a aquisição do código e letramento é a pessoa se socializar desde o processo de alfabetização, desde o processo de aquisição dessa linguagem escrita, a pessoa conseguir se socializar com o meio em que vive [...] (PROFESSORA PÉROLA)

Uma concepção? Eu acho assim, eu particularmente, eu aprendo com os outros professores, mudando e remudando [...] meus objetivos é que no final eles aprendam alguma coisa [...]. Então, pra mim, alfabetizar é isso é fazer com que ele aprenda o todo entrando também o letramento. Que o letramento também é essencial nessa parte de alfabetização. A gente sabe que o letramento e a alfabetização não pode ser desassociado não. Letramento faz parte do mundo que nós vivemos. (PROFESSORA MARIANA).

Sobre o perfil profissional das professoras, todas possuem mais de sete anos de experiência em turmas de alfabetização e são formadas em Licenciatura Plena em Pedagogia, encontrando-se, segundo Huberman (1995), num período de estabilização, caracterizado por um processo de independência, emancipação, acompanhado por um sentimento de competência pedagógica crescente.

A partir das análises, percebemos que para a professora Talita, a alfabetização é iniciada com o ensino do alfabeto, considerado o primeiro passo no ensino da leitura e da escrita. Esta, apesar de preocupar-se em aplicar o método fônico, baseia-se nos pressupostos da teoria construtivista, em que reconhece a necessidade de interação social da criança na construção do conhecimento sobre a língua escrita, cujo “processo é constituído pelas interações estabelecidas entre o sujeito e o objeto do conhecimento, portanto, entre o homem e o mundo” (MOLL, 1996, p. 84). O que indica que o processo de construção do conhecimento é constituído, levando em consideração a visão que as crianças constroem sobre o mundo, e desenvolvem-se por meio dele.

Conforme demonstra em sua narrativa, a professora leva em consideração os conhecimentos que os alunos já possuem sobre a língua escrita, considerando que as crianças, como ressalta Ferreiro, no esforço de compreender o mundo que as rodeia, levantam problemas muito difíceis e abstratos e tratam, por si próprias de descobrir respostas para eles. Estão construindo objetos complexos de conhecimento e o sistema de escrita é um deles. Porém, os níveis de interação com a escrita, como objeto de conhecimento, culturalmente constituído, são diferenciados e cabe a escola intermediar a relação das crianças com materiais escrito àquelas que não tiveram acesso.

A professora Mariana e a professora Pérola, compreendem a alfabetização na perspectiva do letramento, reconhecendo que são práticas distintas. A professora

Mariana afirma refletir sobre sua orientação teórico-metodológica, a partir da troca de experiências com os seus pares, que vão se modificando, durante o percurso de formação, como afirma Maciel e Lúcio (2008). Para esta a professora, a alfabetização é entendida como a aquisição de habilidades específicas, indispensáveis à prática de leitura e escrita, o que coaduna com o pensamento de Touny (2010), o que de acordo com a professora demonstra ser uma grande preocupação sua, no sentido de desenvolver as habilidades cobradas pelo sistema de ensino em que atua.

Para a professora Pérola, os conceitos de alfabetização e letramento, parecem ser confusos, como Soares(2009) afirma, que para algumas professoras esses conceitos apresentam-se imbricados no só conceito de forma confusa, porém de acordo com sua narrativa, compreende a distinção de alfabetização como aquisição do código e letramento como processo de desenvolvimento e a utilização desse conhecimento no processo, destacando a relevância funções sociais na vida dos alunos, para atuarem de forma efetiva na sociedade.

5 Notas Conclusivas

Assim sendo, compreendemos que as concepções de alfabetização desse grupo de professoras alfabetizadoras, apresentam-se como suporte para o desenvolvimento da prática pedagógica, e diferenciam-se, desde a concepção mecanicista, através da preocupação na aplicação do método fônico, até ao desenvolvimento de práticas de letramento, considerando também as concepções da teoria da psicogênese da língua escrita, baseada no pressuposto construtivista, em que enfatiza a necessidade de que o professor deva levar em consideração as experiências prévias dos alunos e concebe a alfabetização como um processo de construção da representação da linguagem escrita, para além de um processo de correspondência entre grafema e fonema.

Consideramos, portanto, a relevância da reflexão sobre as concepções apresentadas, reconhecendo que a prática das professoras estão respaldadas por aspectos teóricos que embora estejam subjacentes, mas que são consideradas no desenvolvimento da prática pedagógica das professoras pesquisadas, considerando o momento de reflexão e as narrativas das interlocutoras da nossa pesquisa.

Referências

- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 25 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GARCIA, Regina Leite (Org). **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professoras**. In: NÓVOA, A (Org.). Vida de professores. Portugal: Porto Editora, 1992.
- KRAMER, S. **Alfabetização leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2001.
- KLEIMAN, A. B (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas :SP, Mercado de Letras, 1995.
- LACERDA, Mitsi Pinheiro de. **Quando falam as professoras alfabetizadoras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MACIEL, F.I. P. LÚCIO, I. S. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA, M. L; MACIEL, F. I. P; MARTINS, R. M. F. (Orgs.). **Alfabetização e letramento em sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2008.
- MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reiventando o ensinar e o aprender**. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- MOREIRA, H. M.; CALEFFE, L. G.. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 8ed. São Paulo: Cortez, 2006.